

AUGUSTO SOBRAL

TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



821,134.3
SOB,A

AUGUSTO SOBRAL TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

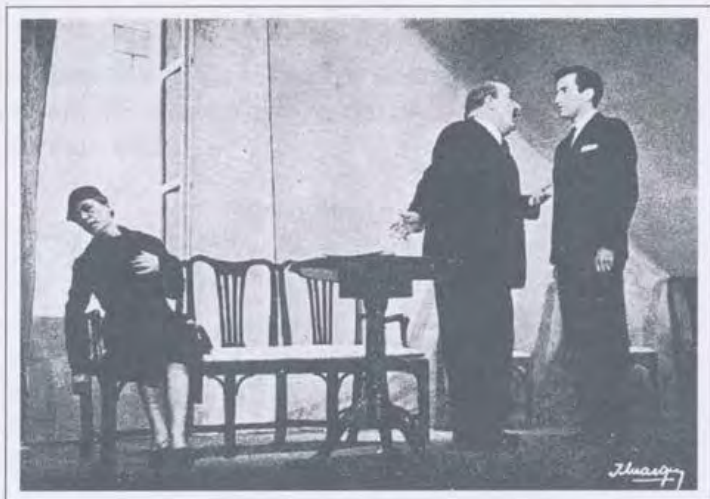
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA



CONSULTÓRIO

(versão original escrita em 1957)





1961

Teatro Nacional D. Maria II

ADELAIDE JOÃO, COSTA FERREIRA E CARLOS AVÍLEZ
Encenação de Artur Ramos

Fotografia de João Marques



2001

Grupo 4 Ventos

JOÃO MANUEL SOUSA, ANA CORREIA E MARCO MÁRTIRES
Encenação de Miguel Martim Ferreira

Fotografia de Luís Miranda

CONSULTÓRIO

PERSONAGENS:

SENHOR, de 55 a 60 anos. Pela aparência, inexpressivo e calmo

SENHORA, 50 anos que poderiam parecer 70 se não fosse a verticalidade seca

RAPAZ, 20 anos. Frágil, procurando a sua força no exterior

EMPREGADA, nova, qualquer idade. Atraente, loira se possível

CENA

Sala de espera de um consultório médico tendo à direita uma pequena antecâmara ou extremidade de um corredor da qual está separada por uma porta de um único batente. Na antecâmara uma pequena secretária e uma cadeira de serviço da Empregada; na sala, que tem ao fundo uma janela, todo o mobiliário deve ser constituído apenas por uma mesa new style e um jogo de duas cadeiras de braços e canapé, podendo além disso existir elementos de simples decoração que nos coloquem num ambiente antiquado, denotando desleixo.

Actualidade.

Quando abre o pano, o Senhor e a Senhora estão sentados no canapé. O Senhor de chapéu na cabeça, olhando em frente sem chegar no entanto a denotar fixidez. A Senhora, sentada à direita dele, olha vagamente o chão de cabeça inclinada. O Rapaz entra pouco depois acompanhado da Empregada.

EMPREGADA — O Senhor Doutor demora um pouco mais, hoje.

RAPAZ — Não tem importância. Posso esperar. Não me vou embora sem falar com ele.

EMPREGADA — Faça favor. Com licença. (Sai.)

SENHOR — Tu não chegaste a dizer-lhe nada...

SENHORA — Pois não. Digo depois.

SENHOR — E se não puder ser?...

SENHORA — Deixa, não tem importância.

SENHOR — Tu não percebes que é uma questão de tempo?
(*Subindo o tom de voz.*) Olha que é uma questão de tempo.

O Rapaz levanta os olhos da revista interrogativamente.

SENHOR — O tempo.

SENHORA — Aquele senhor está a ler. Deixa-o ler.

SENHOR — Se calhar ainda não sabe...

SENHORA — Sabe, sabe, filho. Sabe muito bem.

SENHOR — Anda por aí o cão. Tome cautela. O cão morde.

SENHORA — Este senhor sabe.

SENHOR — Ah! Olha! (*Apontando o pulso ligado do Rapaz.*)
Também já lhe mordeu.

RAPAZ (*embaraçado*) — Não foi. Cai dum cavalo.

SENHOR — O meu rapaz também teve um cavalo: um cavalo e um sino. Depois aborreceu-se, é claro, e passava os dias ao pé dum tanque grande com água. Um dia meteu lá o cavalo e o sino. (*Sorrindo.*) Coisas de rapaz. O cavalo deu guinchos, mas não lhe valeu de nada, acabou por ficar mudo e inchado como um rato morto muito grande. O sino é que abriu a boca e foi para o fundo.

RAPAZ — Cai dum cavalo.

SENHORA — Podia ter sido pior. Só se magoou no pulso?

RAPAZ — Abri-o.

SENHORA — Não partiu, felizmente.

O Senhor segue com a vista o pulso que o Rapaz tem ligado. Este, logo que se apercebe disso, procura escondê-lo.

SENHOR — O senhor não acreditou.

RAPAZ — Como?

SENHOR — Acreditou?

RAPAZ — Em quê?

SENHOR — Nessa notícia.

RAPAZ — Ah! Sim... Não.

SENHOR — Mau! Sim ou não?

RAPAZ — Pois com certeza que não.

SENHOR — Pudera! Nem ninguém acredita. Que estas coisas são muito complicadas, muito complicadas.

SENHORA — Pois claro. Não estejas a maçar este senhor... Ele estava a ler.

SENHOR — Lá estás tu. Nunca me deixas dizer nada até ao fim. Se não fosses tu, as coisas corriam de outra maneira.

(A Senhora procura trocar olhares de compreensão com o Rapaz, muito a medo.)

SENHOR — O senhor estuda?

RAPAZ *(apercebendo-se dos acenos da Senhora)* — Ultimamente não. Interrompi.

SENHOR — Pois é, pois é. Fez mal. O meu filho é assim como o senhor. Que idade tem?

RAPAZ — Vinte anos.

SENHOR — É da sua idade. O senhor faz anos...?

RAPAZ — Agosto, 22 de Agosto.

SENHOR — Ele vai fazer 21 em 13 de Janeiro. *(Contando pelos dedos.)* Janeiro, Fevereiro, Março... Hum, hum, hum, Julho e Agosto. 22? Disse 22? Sete meses e nove dias mais velho.

SENHORA — Então não vês que este senhor ia ler?

SENHOR — Não se parecem? *(A Senhora não responde, mas tem um silêncio triste, quase que de assentimento.)* É parecido.